



C. S. PACAT

ASCENSÃO DAS
TREVAS

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Armas

Confinamento

Luto e perda

Morte

Racismo

Rapto

Sangue e cenas gráficas

Tortura


Trauma

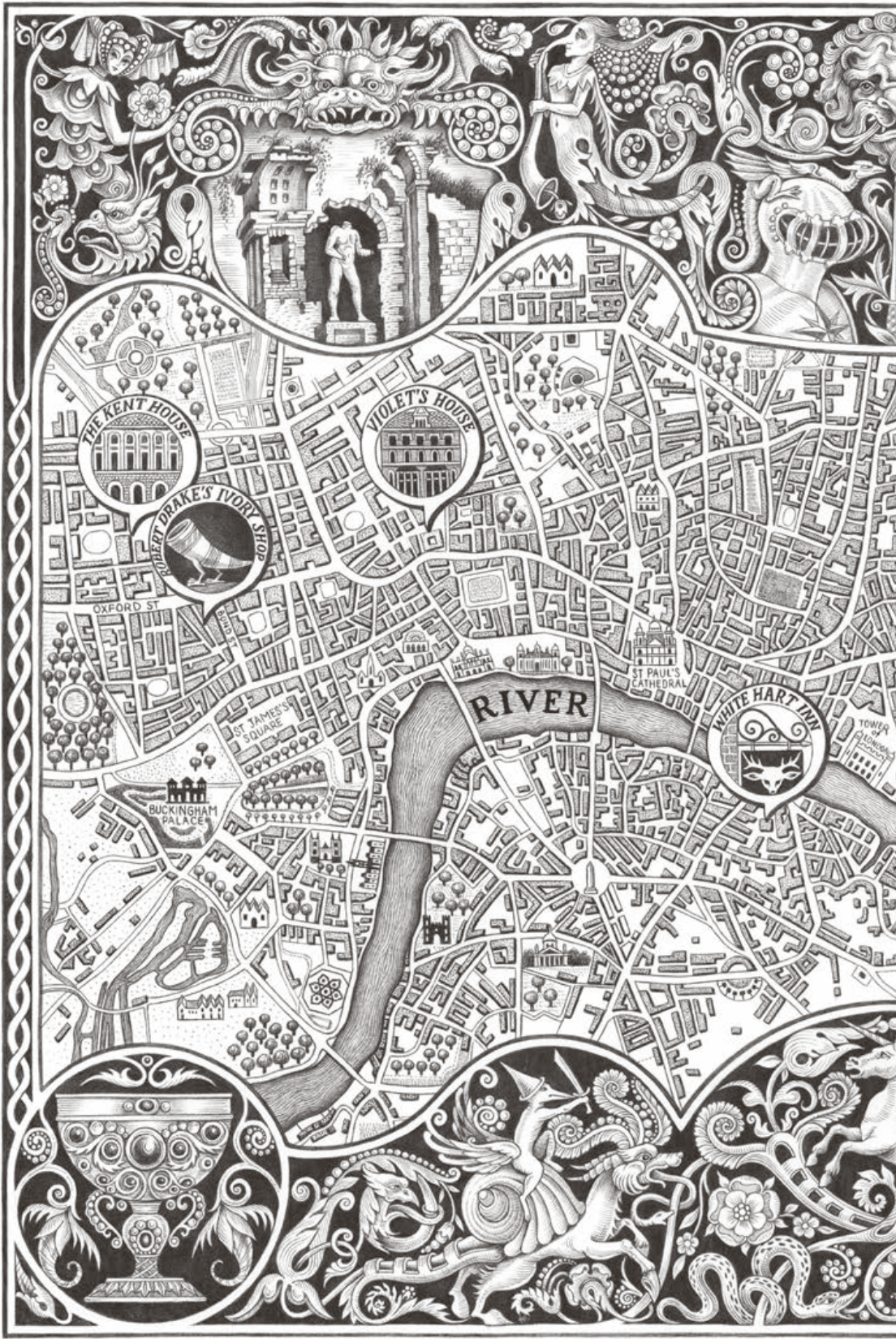
Violência

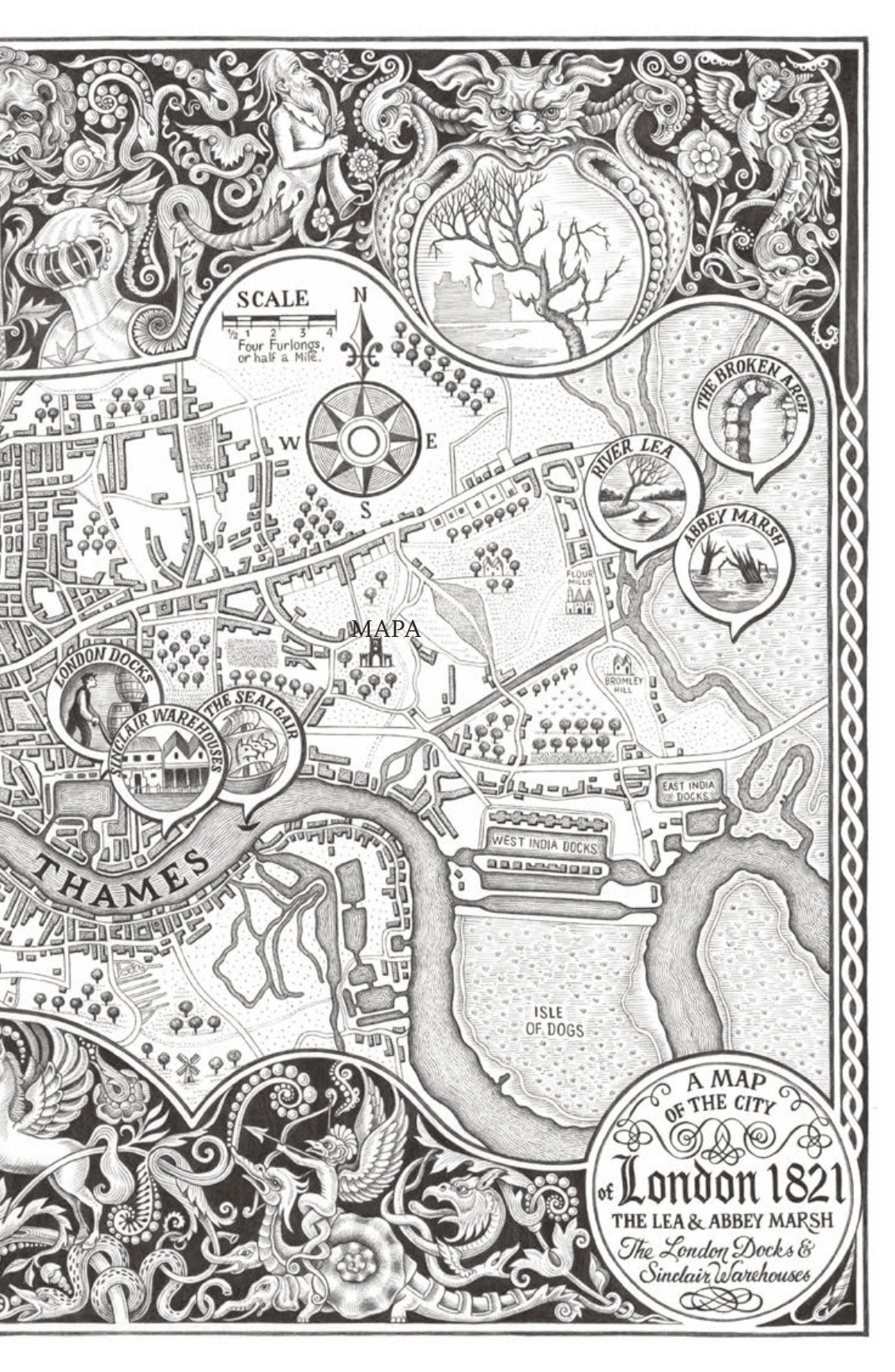
An abstract, semi-transparent graphic of a hand holding a pen, tilted diagonally from the top right towards the center. The hand and pen are rendered in a light, ethereal style with overlapping, wavy lines.

Para a Mandy.

*Pergunto-me se ambas
precisávamos de uma irmã.*

A smaller, semi-transparent abstract graphic of a hand holding a pen, located in the bottom left corner. It is rendered in the same light, ethereal style as the larger graphic above.





SCALE
1/2 1 2 3 4
Four Furlongs,
or half a Mile.



MAPA



BROMLEY HILL

EAST INDIA DOCKS

WEST INDIA DOCKS

ISLE OF DOGS

THAMES

A MAP
OF THE CITY
of **London 1821**
THE LEA & ABBEY MARSH
*The London Docks &
Sinclair Warehouses*

Prólogo

LONDRES, 1821

- **A**cordem-no — ordenou James, e o marinheiro, de semblante severo, levantou prontamente o balde de madeira que trazia na mão e despejou o conteúdo no rosto do homem caído e imobilizado à sua frente.

A água fustigou Marcus, despertando-o num acesso de tosse e arquejos.

Mesmo a pingar, acorrentado e espancado, Marcus irradiava nobreza, como um cavaleiro andante numa tapeçaria desbotada. *A arrogância dos Guardiões*, pensou James. Persistia, como o miasma pestilento do rio, embora Marcus estivesse algemado para lhe impedir qualquer movimento, no interior do cargueiro de Simon Green.

Ali em baixo, o porão do navio era como as entranhas de uma baleia com nervuras de madeira. O teto era baixo. Não havia janelas. A luz chegava dos dois candeeiros que os marinheiros haviam pendurado quando tinham arrastado Marcus para ali, talvez há uma hora. Lá fora ainda estava escuro, embora ele não tivesse forma de o saber.

Marcus piscou os olhos, as pestanas molhadas. O seu cabelo escuro caía-lhe sobre o rosto em madeixas gotejantes. Usava vestígios esfarrapados do uniforme da sua ordem, com a estrela prateada manchada de fuligem e sangue.

James observou o horror crescente no olhar de Marcus ao perceber que ainda estava vivo.

Ele sabia. Marcus sabia o que lhe ia acontecer.

— Então, o Simon Creen tinha razão quanto aos Guardiões — disse James.

— Mata-me. — A garganta de Marcus arranhava-o como gralva, como se ver James representasse uma compreensão total do que estava a acontecer. — Mata-me. James. Por favor. Se alguma vez sentiste alguma coisa por mim.

James dispensou o marinheiro ao seu lado e esperou até que o homem se fosse embora, até que não houvesse mais sons além do chiar de água e madeira, até que ele e Marcus ficassem a sós.

As mãos de Marcus estavam acorrentadas atrás das costas. Por causa disso, estava estendido de forma desajeitada, incapaz de se equilibrar, as correntes grossas agrilhoando-o sem piedade aos quatro pesados suportes de ferro do navio. O olhar de James percorreu os enormes e imóveis elos de ferro.

— Todos aqueles votos. Nunca viveste a sério. Não gostavas de ter estado com uma mulher? Ou com um homem.

— Como tu?

— Esses rumores — disse James calmamente — não são verdadeiros.

— Se já sentiste alguma coisa por algum de nós...

— Afastaste-te demasiado do rebanho, Marcus.

— *Imploro-te.*

Marcus falou como se houvesse um qualquer sistema de honorabilidade no mundo, como se tudo o que tivéssemos de fazer fosse apelar à boa índole das pessoas e a bondade prevaleceria.

A presunção daquilo ficou entalada na garganta de James.

— Implora-me, então. Implora-me de joelhos que te mate. Fá-lo.

James não achara que Marcus o faria, mas claro que o fez — e provavelmente adorou, ajoelhar-se num ato de sacrifício martirizante. Marcus era um Guardiã, passara a vida a fazer votos e a seguir regras, acreditando em palavras como *nobre, verdadeiro e bom*.

O rapaz mexeu-se desajeitadamente, incapaz de se equilibrar com as mãos atadas, encontrando uma nova posição dentro das correntes com uma dificuldade humilhante, de cabeça baixa, os joelhos assentes contra as tábuas.

— Por favor. James. Por favor. Pelo que resta dos Guardiões.

James olhou para aquela cabeça curvada, para aquele rosto belo e maltratado que ainda era ingénuo o suficiente para acreditar que existia alguma escapatória.

— Ficarei ao lado do Simon — declarou James — enquanto ele acaba com a linhagem dos Guardiões. Não pararei até que não reste mais ninguém na vossa Fortaleza, até que a última das vossas luzes cintilantes se apague. E quando a escuridão chegar, estarei ao lado daquele que irá governar tudo. — O tom de James era incisivo. — Achas que senti alguma coisa por ti? Esqueceste-te de quem sou.

Marcus levantou a cabeça, os olhos a faiscar. Foi o único aviso a que James teve direito. O Guardiã reuniu toda a sua força para que os seus músculos se esticassem e inchassem, carne contra ferro...

... por um único e aterrador momento, o ferro grunhiu, deslocando-se...

Marcus soltou um som agonizante quando o seu corpo cedeu. Uma gargalhada de alívio borbulhou na garganta de James.

Os Guardiões eram fortes. Mas não o suficiente.

Marcus estava ofegante. O seu olhar era de fúria. Por dentro, sentia-se aterrorizado.

— Não és o braço-direito do Simon — disse. — És o verme dele. O seu lambe-botas. Quantos de nós já mataste? Quantos Guardiões morrerão por tua causa?

— Todos, menos tu — disse James.

O rosto de Marcus empalideceu e, por um momento, James pensou que ele fosse voltar a implorar. Teria gostado disso. Mas Marcus limitou-se a fitá-lo em silêncio. Era suficiente, por agora. Ele voltaria a implorar antes do fim. James não precisava de o provocar. Bastava-lhe esperar.

Marcus suplicaria e ninguém viria ajudá-lo ao navio de Simon.

Satisfeito, James virou-se para subir as escadas de madeira que o conduziriam ao convés. Já tinha o pé no primeiro degrau quando a voz de Marcus soou atrás de si.

— O rapaz está vivo.

James sentiu um ressentimento escaldante que o fez parar. Forçou-se a não se voltar para trás, a não olhar para Marcus, a não morder o isco. Falou numa voz calma, enquanto continuava a subir os degraus para o convés do navio.

— É esse o vosso problema. Vocês, Guardiões, acham sempre que há esperança.

Capítulo Um

TRÊS SEMANAS DEPOIS

O primeiro vislumbre que Will teve de Londres foi antes do nascer do sol, a floresta de mastros no rio, silhuetas pretas sobre um céu apenas um tom mais claro, pontuadas por guindastes de carga, andaimes e cada chaminé e conduta vertical.

As docas estavam a despertar. Na margem esquerda do rio, as portas dos primeiros entrepostos foram destrancadas e abertas de par em par. Homens juntavam-se, gritando os seus nomes na esperança de serem escolhidos para o trabalho; outros já estavam nos barcos rasos, a enrolar cordas. Um imediato com um colete de cetim cumprimentava um encarregado. Três crianças de calças arregaçadas tinham começado a remexer na lama em busca de um prego de cobre ou de um pequeno pedaço de carvão, uma ponta de corda, um osso. Ao lado de um barril, uma mulher de saias pesadas anunciava as mercadorias do dia.

Numa barcaça a deslizar lentamente pelas águas escuras, Will emergiu por entre os barris de rum amarrados, pronto para saltar para a margem. Tinha sido incumbido de verificar as cordas

que prendiam os barris para evitar qualquer desliz, depois enrolar as amarras do guindaste ou simplesmente fazer força ele próprio sob o peso e conseguir assim soltar a carga. Não possuía a robustez física de muitos dos trabalhadores do cais, mas era esforçado. Podia lançar-se contra as cordas e puxar, ou ajudar a carregar sacos para uma carroça ou um barco.

— O cais está à vista, tragam-na! — gritou Abney, o contra-mestre.

Will assentiu e pegou numa corda. Descarregar a barca seria trabalho para uma manhã inteira, antes de fazerem uma pausa de meia hora, durante a qual os homens partilhavam cachimbos e licor. Os seus músculos já estavam doridos do esforço, mas depressa encontraria o ritmo que o sustentaria. No final do dia, ser-lhe-ia dada uma côdea de pão duro com sopa de ervilhas fumegante da panela. Já ansiava por isso, imaginando o sabor quente da sopa, sentindo-se feliz por ter luvas sem dedos que lhe mantinham as mãos quentes no frio.

— Preparem-me essas cordas! — Abney estava com a mão numa delas, bem perto de um dos nós de Will, as faces coradas pelo álcool. — O Crenshaw quer a barca livre antes do meio-dia.

O batelão pôs-se em movimento. Parar um barco de trinta toneladas usando apenas correntes e varas era difícil à luz do dia, e ainda mais na escuridão. Se fossem demasiado rápidos, as varas partir-se-iam; se fossem demasiado lentos, abalroariam o cais e a madeira estilhaçar-se-ia. Os marinheiros enterraram as varas na lama do leito do rio e puxaram, empurrando contra a barca.

— Amarrem-na! — chegou o grito, visando prender a barca antes da descarga.

A barça abrandou até parar, mal ondulando na água escura. Os marinheiros recolheram as varas e lançaram as cordas para a amarrar ao cais, apertando-as com força e dando mais nós.

Will foi o primeiro a saltar da barca, e enrolou a sua corda à volta de um pegão, ajudando os que estavam a bordo a aproximar a barcaça do cais.

— Esta noite, o contramestre estará a beber com o comerciante do navio — disse George Murphy, um irlandês de bigode farto, puxando a corda ao lado de Will.

Aquele era o assunto preferido de todos os homens das docas: trabalho e como o conseguir.

— Talvez ofereça mais trabalho quando este acabar.

— A bebida fá-lo ganhar pontos, mas também o faz perder — disse Will, e Murphy riu-se de forma bem-humorada. Will não acrescentou: *A maior parte das vezes.*

— Estava a pensar em tentar ir atrás dele depois, para ver se consigo ser contratado — disse Murphy.

— É melhor do que ficar de pé no portão, à espera de ser chamado para um trabalho — concordou Will.

— Talvez até consiga comer um pouco de carne ao domingo...

Zás!

A cabeça de Will virou-se para trás mesmo a tempo de ver uma corda a soltar-se da sua corrente, voando pelo ar.

Havia trinta toneladas de carga naquele barco, não só de rum, mas também de cortiça, cevada e pólvora. A corda que subia pelos anéis de ferro libertou-a toda, fazendo romper as lonas, os barris rolando e caindo. Mesmo em direção a Murphy. *Não...!*

Will atirou-se ao companheiro, empurrando-o para fora do caminho da torrente. Um barril acertou-lhe no ombro, e ele sentiu uma dor trovejante. Levantou-se, sem fôlego, e olhou para o rosto atónito de Murphy com uma onda de alívio frenético ao perceber que o homem estava vivo e apenas perdera o barrete, evidenciando o cabelo emaranhado da cor do seu bigode. Ficaram a olhar um para o outro durante um momento. Depois, compreenderam a verdadeira dimensão daquela calamidade.

— Recuperem-nos! Tirem-nos da água!

Os homens atiraram-se ao rio, desesperados por salvar a sua carga. Will fez o mesmo e ajudou-os a empurrarem os barris para a margem pedregosa. Ignorou a dor no ombro. Era mais difícil esquecer a imagem da corda solta, de Murphy na trajetória do barril. *Ele podia ter morrido*. Tentou concentrar-se em recuperar a mercadoria. Teria sido danificada? A cortiça flutuava, e os barris de rum estavam bem selados, mas o salitre dissolvia-se na água. Se abrissem os barris de pólvora, descobririam que se perdera?

Perder uma barca inteira de pólvora... o que significaria? Seria o fim do negócio de Crenshaw, teria ele de se despedir da sua riqueza enquanto esta se afastava pelo rio?

Era comum haver acidentes no cais. Ainda na semana anterior, Will vira um cavalo de carga a recuar inesperadamente enquanto puxava uma barca ao longo dos canais; as cordas partiram-se e a embarcação virou. Abney costumava contar a história de uma corrente quebrada que matara quatro homens e mandara um carregamento de carvão para o fundo do rio. Murphy tinha dois dedos a menos devido a caixas mal empilhadas. Todos sabiam da realidade diária: economizar, cortar custos, era arriscado.

— O raio da corda soltou-se! — berrou Beckett, um velho operário com um colete castanho desbotado, justo e apertado até ao pescoço. — Ali. — Apontou para a amarra partida. — Tu. — Voltou-se para Will, que estava mais perto. — Arranja-nos mais corda e um pé de cabra para abrir estes barris. — Indicou o armazém com o queixo. — E vê se te despachas. O tempo que perderes vai ser descontado do teu pagamento.

— Sim, mestre Beckett — respondeu Will, sabendo que não devia discutir.

Atrás dele, Beckett já estava a ordenar que os outros voltassem ao trabalho, orientando o fluxo de sacos e caixas à volta dos barris molhados na margem.

Will correu em direção ao armazém.



O ARMAZÉM DE CRENSHAW, UM DOS MUITOS EDIFÍCIOS DE tijolo que ladeavam a margem do rio, estava cheio de mercadorias em barris e caixas, a repousar durante uma ou duas noites antes de seguirem para as salas de estar, mesas de jantar e cachimbos.

O ar lá dentro estava frio e impregnado com o fedor do enxofre nos seus contentores amarelos, das pilhas de peles e dos barris de rum enjoativamente doce. Will tapou o nariz com o braço, enquanto o cheiro intenso do tabaco fresco se sobrepunha ao aroma de especiarias sumptuosas que nunca tinha provado e que lhe faziam arder a garganta. Passara meio dia a arrastar caixas para um armazém semelhante, duas semanas antes. A tosse permanecera com ele durante dias, e escondê-la do contramestre tornara-se incómodo. Estava habituado ao fedor do rio, mas os vapores do alcatrão e do álcool faziam-lhe lacrimejar os olhos.

Um operário, com um lenço grosseiro e colorido ao pescoço, parou de empilhar madeira.

— Estás perdido?

— O Beckett mandou-me vir buscar corda.

— Ali em baixo. — O homem apontou com o polegar.

Will viu um pé de cabra ao lado de um par de barris velhos e de um amontoado de linhas com cheiro a alcatrão. Depois, procurou por um rolo de corda sobresselente que pudesse pendurar sobre o ombro e levar de volta para a barca.

Não há nada aqui, nem atrás dos barris... À sua esquerda, viu um objeto parcialmente coberto por um lençol branco. Estaria alguma coisa ali? Estendeu a mão para puxar o lençol empoeirado, que caiu num montinho no chão.

Viu um espelho, encostado a uma caixa. Era metálico e velho, uma antiguidade de outros tempos, antes de os espelhos serem

feitos de vidro. Deformado e com manchas, dispersava o reflexo de Will em clarões irregulares pela superfície metálica, vislumbres nebulosos de pele pálida e olhos escuros. *Aqui também não há nada*, pensou, e estava prestes a retomar a sua busca quando algo no espelho lhe chamou a atenção.

Um brilho.

Olhou em volta com cuidado, achando que o espelho devia ter captado o movimento refletido de alguém atrás dele. Mas não estava ali mais ninguém. *Estranho*. Tê-lo-ia imaginado? Aquela parte do armazém estava deserta, as pilhas de caixas formando longos corredores. Voltou a olhar para o espelho.

A sua superfície de metal baço estava manchada pelo tempo e pelas imperfeições, de modo que era difícil discernir a sua própria figura. Mas ainda assim ele viu-o, um movimento na superfície desfocada do espelho que o fez deter-se.

O reflexo estava a mudar.

Will olhou fixamente para ele, mal ousando respirar. As silhuetas difusas estavam a mudar de forma perante os seus olhos, transformando-se em colunas e espaços abertos... Não era possível, mas estava a acontecer. O reflexo estava a alterar-se, como se a sala diante do espelho fosse um lugar muito antigo, e não houvesse ninguém que o impedisse de se aproximar para olhar através dos anos.

Havia uma senhora no espelho. Foi a primeira coisa que viu, ou julgou ver; depois, o dourado de uma vela próxima e dos seus cabelos brilhantes, apanhados numa trança que lhe caía sobre o ombro até à cintura.

Ela estava a escrever, letras elegantes em páginas com margens sumptuosamente coloridas e letras maiúsculas ornamentadas com pequenas figuras. O seu quarto abria-se para a noite, com tetos em abóbada e uma série de degraus baixos que conduziam — ele sabia-o de alguma forma — aos jardins.

Nunca tinha visto aquela cena, mas guardava a lembrança do aroma de um entardecer verde e do movimento escuro das árvores. Instintivamente, aproximou-se para ver melhor.

Ela parou de escrever e virou-se.

Tinha os olhos da sua mãe, e olhava diretamente para ele. Will conteve-se para não recuar.

A senhora estava a aproximar-se dele, o seu vestido estendendo-se atrás dela numa cauda que deslizava pelo chão. Will conseguia ver a vela que ela segurava pela haste, o medalhão brilhante ao pescoço. A mulher aproximou-se tanto que era como se estivessem de frente um para o outro. Will teve a súbita sensação de que estavam apenas à distância de um braço estendido. Julgou ver o seu próprio rosto refletido nos olhos dela, pequeno como a chama de uma vela, um clarão gémeo.

Em vez disso, nos seus olhos viu o espelho, duplicado, prateado e novo.

Os pelos dos braços eriçaram-se-lhe; era tão estranho que estremeceu. *O mesmo espelho... ela está a olhar para este mesmo espelho...*

— *Quem és tu?* — perguntou uma voz.

Will recuou de repente, cambaleando, apenas para se aperceber, da maneira mais disparatada, de que a voz não tinha vindo do espelho; ouvira-a atrás de si. Um dos trabalhadores do armazém estava a olhar desconfiado para ele, com uma lamparina levantada na mão.

— Volta ao trabalho!

Will pestanejou. O armazém, com as suas caixas húmidas, rodeava-o, monótono e vulgar. Os jardins, as colunas altas e a senhora tinham desaparecido.

Era como se um feitiço tivesse sido quebrado. Tê-lo-ia imaginado? Teriam sido os vapores do armazém? Sentiu vontade de esfregar os olhos, quase desejando perseguir a imagem que tinha visto. Mas o espelho era apenas um espelho, refletindo o mundo



normal à sua volta. A visão desvanecera-se. Não passara de uma fantasia, de um devaneio ou de um truque de luz.

Sacudindo a sensação de aturdimento, Will forçou-se a acenar com a cabeça e a dizer:

— Sim, senhor.

Capítulo Dois

O tempo que ficou a mandriar no armazém custou a Will três semanas de salário e fê-lo ser despromovido para o trabalho mais duro das docas. Forçou-se a fazê-lo, apesar de os seus músculos arderem e de o estômago lhe doer de fome. Os primeiros três dias foram passados a dragar e a carregar, e depois foi destacado para trabalhar na roda, fazendo girar o enorme cilindro de madeira do armazém ao lado de seis homens muito maiores do que ele, para que as roldanas levantassem as cubas gigantes a cinco metros do chão. Todas as noites regressava à sua estalagem anónima e sobrelotada, demasiado exausto para pensar sequer no espelho ou nas coisas estranhas que lá tinha visto, demasiado exausto para fazer mais do que deitar-se na esteira de palha suja e dormir.

Não se lamuriava. Crenshaw mantinha o negócio, e ele queria aquele emprego. Apesar do salário reduzido, o trabalho nas docas era melhor do que a vida que levava quando chegara a Londres. Tinha sobrevivido à custa de sobras, antes de aprender a apanhar pontas de cigarro, secá-las e depois vendê-las aos trabalhadores

das docas como tabaco para cachimbo. Foram esses homens que lhe disseram que podia arranjar um emprego não qualificado nas docas, se estivesse disposto a trabalhar arduamente.

Will deixou o último saco de cevada na pilha, muito depois de o sino ter tocado e a maior parte dos trabalhadores se ter ido embora. Fora uma jornada de trabalho intensa, um turno duplo sem pausas, para tentar compensar o tempo que tinham perdido devido ao atraso da barca. O sol estava a pôr-se e havia poucas pessoas na ribeira, os últimos remanescentes estavam a terminar o seu trabalho.

Tudo o que tinha a fazer era despedir-se do contramestre, e ficaria livre naquela noite. Dirigiu-se para a rua principal, onde os vendedores de comida se juntavam para oferecer algo para comer aos trabalhadores por um preço razoável. Como acabara tarde, perdera a sua ração de sopa de ervilhas, mas tinha uma moeda no casaco com a qual podia comprar uma batata quente, e isso seria combustível suficiente até ao dia seguinte.

— O contramestre está lá à frente. — Murphy apontou para montante com o queixo.

Will apressou-se para lá chegar antes que o contramestre se fosse embora. Dobrou a esquina, despedindo-se de Beckett e do resto dos trabalhadores que se dirigiam a cambalear para a estalagem. Enquanto caminhava sobre a gravilha da ribeira, viu um vendedor de castanhas ao longe, a apregoar a sua mercadoria aos últimos trabalhadores das docas, com o rosto barbudo avermelhado pelo fogo que reluzia através dos buracos no fundo do seu fogão. Depois chegou ao cais vazio.

E foi então que viu onde realmente estava.

Escurecera tanto que os homens tiveram de sair para acender os candeeiros a petróleo, que tossiam e tremeluziam, mas Will já os tinha deixado para trás. Os únicos sons eram o murmúrio da água negra na extremidade do cais e os gritos distantes de uma

draga que deslizava lentamente do canal para o rio, apanhando com as suas redes tudo o que pudesse apreender. O cais estava deserto, sem sinal de vida.

À exceção de três homens num bote abandonado, meio escondido pelas tábuas escuras.

Will não saberia dizer quando reparou, nem porquê. Não havia sinal do contramestre. Não havia ninguém por perto que pudesse ouvir um grito de socorro. Os três homens estavam a sair do bote.

Um deles olhou para cima. Diretamente para ele.

Encontraram-me.

Ele percebeu logo. Reconheceu a intenção determinada nos seus olhos, a forma como se dispersaram para lhe bloquear o caminho enquanto desciam do barco.

O coração ficou-lhe entalado na garganta.

Como? Porque é que eles estão aqui? O que é que o teria denunciado? Ele era discreto. Mantinha a cabeça baixa. Escondia a cicatriz na mão direita com as luvas. Por vezes, tinha de a esfregar, para manter os dedos em movimento, mas tinha sempre o cuidado de não deixar que ninguém visse quando o fazia. Sabia por experiência própria que o mais pequeno gesto poderia denunciá-lo.

Talvez desta vez tivessem sido as luvas. Ou talvez tivesse sido descuidado, o rapaz anónimo da doca não era tão anónimo como esperara ser.

Recuou um passo.

Não havia para onde ir. Ouviu um som atrás de si: mais dois homens tinham aparecido para lhe bloquear o caminho, figuras sombrias que ele não reconheceu. Mas reconheceu a coordenação com que se moviam, espalhando-se para impedir a sua fuga.

Era doentiamente familiar, parte da sua nova vida, depois de a ter visto deitada na terra, encharcada em sangue, sem saber

porquê, depois de meses escondido sem saber porque a tinham matado ou o que queriam dele. Pensou na última palavra que a sua mãe proferira.

Foge.

Correu em direção à única saída que conseguia ver, uma pilha de caixas à esquerda do armazém.

Saltou por cima delas, trepando desesperadamente. Uma mão agarrou-lhe o tornozelo, mas ele ignorou-a. Ignorou o tremor, o pânico que fazia disparar o seu coração. Devia ser mais fácil agora. Não estava entorpecido pela dor. Não era ingênuo, como fora naquelas primeiras noites, quando não sabia como fugir ou esconder-se, quando não sabia como evitar as estradas, ou o que aconteceria se se permitisse confiar em alguém.

Foge.

Não teve tempo de recuperar quando aterrou na lama do outro lado. Não teve tempo para se reorientar. Não teve tempo de olhar para trás.

Levantou-se e começou a correr.

Porquê? Porque é que eles me perseguem? Os seus passos faziam barulho na rua molhada e lamacenta. Conseguia ouvir os gritos dos homens atrás de si. Tinha começado a chover, e Will corria cegamente na escuridão tempestuosa, sobre as pedras escorregadias. Não tardou a ficar com as roupas encharcadas e a corrida tornou-se mais difícil, a sua respiração demasiado ruidosa na garganta.

Mas ele conhecia aquele labirinto de ruas e becos em constante construção, aquele caos de andaimes, novos edifícios e novas estradas. Seguiu por ali, na esperança de conseguir colocar distância suficiente entre eles para os despistar ou esconder-se, até que o ultrapassassem. Baixou-se e passou por entre as tábuas de madeira e as escoras de construção, e ouviu os homens a abrandarem e a dispersarem, à sua procura.



Não posso deixar que saibam que estou aqui. Em silêncio, deslizou entre as escoras e depois para um espaço atrás de um andaime alto, encostado a uma estrutura semiconstruída.

Uma mão agarrou-lhe o ombro; sentiu um hálito quente no ouvido e uma mão no braço.

Não. Com o coração aos saltos, desesperado, Will debateu-se. Quando uma mão húmida lhe tapou a boca, ele parou de respirar...

— Está quieto. — Na chuva, era difícil ouvir a voz do homem, mas fez-lhe gelar o sangue. — Está quieto, não sou um deles.

Will mal entendia as palavras, os seus gemidos soando abafados sob a mão forte do homem. *Eles estão aqui. Eles estão aqui. Apanharam-me.*

— *Está quieto* — disse o homem. — Will, não me reconheces?

Matthew?, ia perguntar, quando o homem o chamou pelo nome e, com espanto, reconheceu a sua voz. A silhueta de um dos homens no rio fundiu-se com a de uma pessoa que ele conhecia.

Ficou imóvel, sem acreditar nos seus próprios olhos, quando o homem afastou lentamente a mão da sua boca. Quase escondido pela chuva, era sem dúvida Matthew Owens, um criado que a mãe dele tinha tido na sua antiga casa em Londres. A sua primeira casa, a sua primeira vida, antes de se mudarem para uma miríade de lugares remotos, sem que a mãe lhe explicasse porquê, cada vez mais ansiosa, cada vez mais cautelosa com estranhos, sempre atenta à estrada.

— Temos de estar calados — disse Matthew, baixando ainda mais a voz. — Eles ainda estão por aí.

— *Estás com eles* — ouviu-se Will dizer. — Eu vi-te no rio.

Tinham-se passado anos desde a última vez que tinha visto Matthew, e agora ele estava ali. Seguiria-o desde a doca, talvez o tivesse seguido desde Bowhill...

— Não estou com eles — garantiu-lhe Matthew —, mas eles acham que estou. A tua mãe enviou-me.

Uma nova onda de medo. *A minha mãe morreu.* Não o disse, olhando para o cabelo grisalho e os olhos azuis de Matthew. Ver um criado que conhecia deu origem a um desejo infantil de tranquilidade, como querer ser consolado por um pai depois de ter sofrido um corte na mão. Queria que Matthew lhe dissesse o que se estava a passar, mas essa onda de familiaridade infantil chocou de frente com a fria realidade da sua vida de fugitivo. *Só porque o conheço, não quer dizer que possa confiar nele.*

— Estão atrás de ti, Will. Em Londres, nenhum sítio é seguro. — A voz sussurrada de Matthew soava urgente no espaço sombrio sob o andaime. — Tens de ir ter com os Guardiões. A estrela brilhante persiste, mesmo quando a escuridão se levanta. Mas deves apressar-te, ou *eles* encontrar-te-ão, e a escuridão chegará para todos nós.

— Não compreendo. — *Os Guardiões? A estrela brilhante?* As palavras de Matthew não faziam sentido. — Quem são aqueles homens? Porque andam atrás de mim?

Matthew tirou uma coisa do bolso do colete, como se fosse muito importante, e estendeu-a a Will.

— Toma. Pertenceu à tua mãe.

À minha mãe? O perigo e o desejo lutaram por prevalência. Queria ficar com o objeto. A saudade surgiu acompanhada de dor, mesmo quando se lembrou dos horríveis momentos finais, quando ela olhou para ele, com o vestido azul coberto de sangue. *Foge.*

— Mostra-o aos Guardiões e eles saberão o que fazer. Só eles te podem ajudar. Dar-te-ão as respostas que procuras, prometo. Mas não resta muito tempo. Tenho de regressar antes que se apercebam de que desapareci.

Lá estava, outra vez, aquela palavra desconhecida. *Guardiões.* Matthew colocou o que estava a segurar sobre uma das tábuas

do andaime que os separava. Começou a afastar-se, como se soubesse que Will não lhe pegaria enquanto ele ali estivesse. O rapaz agarrou-se com força ao andaime atrás de si, querendo aproximar-se do homem cujo cabelo grisalho e colete de cetim preto esfarrapado lhe eram tão familiares.

Matthew virou-se para partir, mas no último momento parou para olhar para trás.

— Farei o que puder para os manter fora do teu caminho. Prometi à tua mãe que te ajudaria enquanto infiltrado, e é isso que tenciono fazer.

Depois desapareceu, correndo de volta para o rio.

Will ficou sozinho com o coração acelerado, enquanto os passos de Matthew se desvaneciam. Os sons dos outros homens dissiparam-se com ele, como se tivessem mudado a direção da sua busca. Conseguia ver o contorno, a forma do que Matthew lhe tinha deixado. Sentia-se como um animal selvagem a olhar para o isco de uma armadilha.

Espera!, quis gritar. *Quem são aqueles homens? O que sabes sobre a minha mãe?*

Olhou para a chuva depois de Matthew se ter afastado e, em seguida, concentrou a sua atenção no pequeno embrulho sobre o andaime. Matthew dissera-lhe que se apressasse, mas Will só conseguia pensar no objeto que tinha à sua frente.

Teria a mãe realmente deixado aquilo para ele?

Aproximou-se. Sentia-se como se estivesse a ser puxado por uma corda.

O objeto era pequeno e redondo, embrulhado na fita de cabedal que Matthew tirara do bolso do colete. *Mostra-o aos Guardiões*, dissera-lhe ele, mas Will não sabia quem eram esses *Guardiões* nem onde os encontrar.

Estendeu a mão. Quase esperava que os homens da doca lhe caíssem em cima. Quase esperava que fosse um truque ou uma

armadilha. Levantou o embrulho, os dedos entorpecidos pelo frio. Desenrolou a fita e deparou-se com um pedaço de metal enferrujado. Mal conseguia sentir as suas arestas irregulares; estava demasiado frio. Mas reparou na consistência, inesperadamente pesada, como se fosse ouro ou chumbo. Inclinou-o para a luz.

E sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

De formato circular, tosco e deformado, era um velho medalhão partido. Reconheceu-o. Já o tinha visto antes.

No espelho.

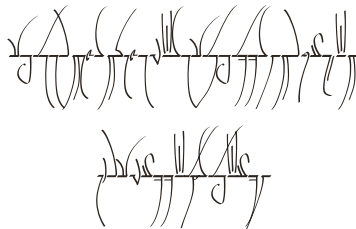
Sentiu uma onda de náusea ao olhar para o objeto impossível que tinha nas mãos.

A senhora usava aquele mesmo medalhão ao pescoço. Lembrou-se de como brilhara quando ela se dirigira para ele, olhando-o fixamente, como se o conhecesse. Tinha a forma de uma flor de espinheiro com cinco pétalas e brilhava como ouro novo.

Mas a sua superfície estava agora baça, rachada e irregular, como se tivessem passado anos, como se tivesse sido enterrado e desenterrado, desgastado e partido.

Mas a senhora do espelho era apenas um sonho, um efeito da luz...

Virou-o e reparou que tinha algo gravado. Não estava escrito em nenhuma língua que ele conhecesse, mas, de alguma forma, entendia as palavras. Pareciam fazer parte de si, como se tivessem vindo de dentro dele, numa língua que sempre lá estivera, nos seus ossos, na ponta da língua.



**Não poderei regressar quando me chamarem para lutar.
Por isso, terei uma criança.**

Não sabia porquê, mas começou a tremer. As palavras naquela língua estranha ficaram-lhe marcadas na mente. Não devia ser capaz de as ler, mas conseguia... Conseguia *senti-las*. Voltou a ver os olhos da mulher do espelho, como se ela estivesse a olhar para ele. *Os olhos da minha mãe*. À sua volta, tudo desapareceu, até que só conseguiu ver a senhora, que o olhava com uma sensação de nostalgia. *Não poderei regressar quando me chamarem para lutar*. Parecia que lho estava a dizer diretamente a ele. *Por isso, terei uma criança*. Começou a tremer com mais força.

— *Para* — arquejou, fechando as mãos sobre o medalhão e desejando com todas as suas forças que a visão se desvanecesse.

— *Para!*

E parou.

Will respirava com dificuldade. Estava sozinho. As gotas de chuva caíam-lhe do cabelo, deixando o chapéu e a roupa encharcados.

Tal como o espelho, o medalhão era outra vez vulgar, um objeto velho e sem brilho, sem vestígio do que ele acabara de ver. Will olhou para o sítio onde Matthew tinha desaparecido sob a chuva.

O que era aquilo, o que é que ele lhe tinha dado? Agarrou o medalhão com tanta força que as suas arestas irregulares se lhe cravaram nos dedos.

As ruas estavam vazias. Ninguém ouvira os seus sussurros depois de ter visto o medalhão. Os homens que andavam à sua procura tinham desaparecido. Esta era a sua hipótese de escapar, de fugir.

Mas precisava de respostas: sobre o medalhão, sobre a senhora e sobre os homens que o perseguiam. Precisava de saber porque é que tudo aquilo estava a acontecer. Precisava de saber porque tinham matado a sua mãe.



Pôs o medalhão ao pescoço e começou a correr pela chuva, chapinhando na lama. Tinha de encontrar Matthew. Tinha de descobrir o que ele lhe estava a esconder.

Passou pelas ruas a correr. Os olhos da senhora no espelho ardiam-lhe na memória.

Quando finalmente parou, ofegante, viu que estava quase de volta ao armazém.

Matthew estava sentado num banco de rua, a poucos quarteirões do rio. Aquela rua estava mais bem iluminada do que as outras que ele tinha percorrido, e pôde ver que o homem usava sapatos de fivela e calças de pregas, juntamente com a camisa branca e o colete preto.

Tinha tantas perguntas que não sabia por onde começar. Fechou os olhos e inspirou.

— Por favor. Trouxeste-me o medalhão. Preciso de saber o que significa. Os Guardiões... Quem são eles? Como os vou encontrar? E aqueles homens... Não percebo porque andam atrás de mim, porque mataram a minha mãe... Não percebo o que é suposto eu fazer.

Silêncio. Will deitara tudo cá para fora. Depois, à medida que o silêncio se prolongava, sentiu a sua necessidade de respostas transformar-se numa pontada mais sombria de medo.

— Matthew? — disse em voz baixa. No entanto, ele sabia.

Estava a chover muito, e Matthew estava ali sentado, estranhamente exposto. Não trazia casaco. Os braços pendiam inertes das mangas encharcadas. A roupa agarrava-se-lhe ao corpo e a água escorria-lhe pelos dedos imóveis. A chuva bombardeava-o, escorrendo em riachos pelo seu rosto, caindo dentro da boca, sobre os olhos abertos e sem vida.

Eles estão aqui.

Will começou a correr; não em direção à estrada, mas para o lado, em direção a um dos portões, com uma última e angustiada

esperança de alertar o proprietário e conseguir entrar. Bateu primeiro no portão exterior. Antes de chegar à porta, uma mão agarrou-lhe o ombro e outra fechou-se em torno do seu pescoço.

Não...

Viu os pelos do braço de um homem e sentiu o hálito quente de outro contra o rosto. Desde aquela noite, não se tinha aproximado tanto deles. Não lhes conhecia os rostos, mas viu, com horror crescente, algo que reconheceu.

No interior do pulso estendido na sua direção, a pele do homem estava marcada com um *S*.

Já vira aquele *S* antes, em Bowhill, nos pulsos dos homens que tinham matado a sua mãe. Via-o quando não conseguia dormir, insinuando-se nos seus sonhos. Afigurava-se velho e escuro, como um mal antigo. Naquele momento, parecia contorcer-se na pele do seu agressor, como se a carne estivesse a mover-se, rastejando em direção a ele...

Tudo o que tinha aprendido após nove meses de fuga se dissipou. Foi como se estivesse de volta a Bowhill, fugindo aos tropeções de casa e dos homens que o perseguiram. A chuva dificultara-lhe a visão nessa noite, e ele tropeçava e caía continuamente, enquanto se arrastava pelos taludes e se esgueirava pelas valas. Não sabia quanto tempo correria antes de cair, molhado e a tremer. Desejara voltar para a mãe, mesmo que isso fosse estúpido. Mas ela estava morta, e ele não podia voltar porque lhe fizera uma promessa.

Foge.

Por um momento, foi como se o *S* se dirigisse a ele vindo de um poço profundo.

Foge.

Caiu de costas, com força, sobre as pedras encharcadas. Tentou levantar-se, apoiando-se num cotovelo, e assustou-se com a dor no ombro quando o braço desabou sob o corpo.

Foi imediatamente dominado, apesar de ter usado todas as suas forças. Antes daquela noite em Bowhill, nunca tinha tido de lutar, e não era muito bom nisso. Depois de o terem imobilizado, um dos homens espancou-o metodicamente até ele ficar deitado de costas, com as roupas ensopadas, respirando o melhor que podia.

— Tiveste uma vida fácil, não tiveste? — O homem levantou o pé para lhe dar um leve empurrão. — Um menino da mamã, sempre agarrado às suas saias. Isso agora acabou.

Quando tentou mexer-se, foi pontapeado, uma e outra vez, até que a sua visão ficou turva e deixou de se mexer.

— Amarrem-no. Vamos terminar aqui e depois levamo-lo para o navio do Simon.

Capítulo Três

— **S**ai da frente, rato. Uma mão indiferente empurrou Violet para trás, negando-lhe a visão do espetáculo no convés. Enxotada e atropelada, esticou o pescoço para tentar ver. Não conseguia avistar muito por cima dos ombros dos marinheiros, cujos corpos exalavam um odor de antecipação, maresia e suor, por isso trepou pelos enfrechates suspensos horizontalmente, agarrando-se com o braço a uma corda com nós para não cair. A primeira vez que viu Tom foi por entre uma multidão de barretes e lenços dos marinheiros que o rodeavam no convés.

Era quinta-feira e o navio de Simon, o Sealgair, estava atracado no rio cheio de embarcações. Carregado de mercadorias, o mastro principal ostentava os três cães negros, o brasão de armas de Simon. Violet não deveria ter entrado ali, mas conhecia o navio pelo trabalho que a sua família fazia para Simon, uma grande fonte de orgulho para eles. O filho mais velho do conde de Sinclair, o homem a quem a sua família chamava Simon, tinha o seu próprio título: lorde Crenshaw. Geria um lucrativo império

de negócios em nome do pai. Dizia-se que as suas conexões chegavam até ao rei George e que se estendiam por todo o globo. Violet vira Simon em pessoa uma vez, uma figura poderosa envolta num sumptuoso casaco preto.

Hoje, havia homens armados com pistolas a vigiar as grades e outros a obstruir o acesso às docas. Mas todos os restantes estavam no convés, porque os trabalhos de descarga e fixação da carga tinham parado. Do seu posto nas cordas, Violet podia ver a agitação tensa entre os que estavam amontoados num círculo apertado. Todos aqueles homens duros se tinham reunido para testemunhar um acontecimento.

Tom ia ser honrado com a marca.

Tinha o tronco nu, a cabeça exposta, o cabelo castanho-avermelhado a cair-lhe sobre o rosto. Estava ajoelhado nas tábuas do navio. O seu peito descoberto subia e descia visivelmente, a respiração acelerada, nervoso com o que estava prestes a acontecer.

Os que o observavam estavam expetantes; em parte, também invejosos, sabendo que Tom merecera o que lhe iria ser dado. Um ou dois deles bebiam whisky, como se fossem eles a precisar dele. Violet compreendia o que sentiam. Era como se a cerimónia fosse para todos eles. E, de certa forma, era, como uma promessa: «Trabalhem bem para o Simon, agradem ao Simon, e é isto que irão receber.»

Um marinheiro deu um passo em frente. Usava um avental de cabedal castanho, como o de um ferreiro.

— Não precisam de me agarrar — disse Tom.

Recusara tudo o que lhe tinham oferecido para o ajudar a suportar a dor: álcool, uma venda para os olhos, cabedal para morder. Ajoelhou-se e esperou. O ambiente de expetativa ficou mais tenso.

Aos 19 anos, Tom era o mais novo a receber a marca. Enquanto o observava, Violet fez uma promessa a si mesma: *Serei ainda*

mais jovem. Como Tom, teria sucesso no mundo do comércio, conquistaria troféus para Simon e também seria promovida. *Assim que tiver uma oportunidade, provarei o meu valor.*

— É assim que o Simon recompensa o teu serviço — disse o capitão Maxwell. Acenou com a cabeça ao marinheiro, que parou junto a um braseiro de carvão incandescente que havia sido trazido para o convés. — Quando isto acabar, serás dele. Ele ter-te-á honrado com a sua marca.

O marinheiro puxou o ferrete do carvão em brasa.

Violet ficou tensa, como se aquilo estivesse a acontecer com ela. O ferro era comprido, como um atizador, mas com um S na ponta, tão quente que brilhava num tom vermelho, como uma chama em movimento. O marinheiro aproximou-se.

— Faço este juramento a Simon — disse Tom, as palavras do ritual. — Sou o seu servo leal. Obedecerei e servirei. Marque-me. — Os olhos azuis do rapaz fixaram-se no marinheiro. — Grava a minha promessa na minha carne.

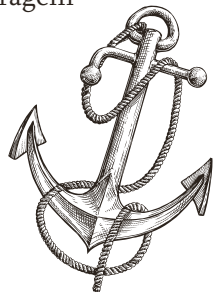
Violet prendeu a respiração. Era agora. Aqueles que possuíam a marca faziam parte do seu círculo íntimo. Os favoritos de Simon: eram os seus seguidores mais leais e, segundo os rumores, recebiam recompensas especiais; e mais do que isso, a atenção de Simon, o que para muitos já era uma recompensa por si só. Horst Maxwell, o capitão do Sealgair, tinha a marca, o que lhe dava autoridade mesmo aos olhos dos seus superiores.

Tom estendeu o braço para mostrar a pele limpa do pulso.

A única outra vez que Violet vira um homem receber a marca, ele gritara e contorcera-se como um peixe no convés. Tom também o vira, mas isso não parecia perturbá-lo. Olhou para o marinheiro com determinação, mantendo-se imóvel, com coragem e força de vontade.

— É isso mesmo, rapaz. Tem calma — disse o capitão.

O Tom não vai gritar, pensou Violet. Ele é forte.



Os homens estavam tão calados que se podia ouvir o sussurro da água contra o casco. O marinheiro levantou o ferro. Violet viu um homem virar a cabeça, sem querer olhar; não era tão valente como Tom. Era isso que Tom estava a provar. *Aguenta e prova que és digno*. Violet agarrou as cordas com força, mas não desviou o olhar enquanto o marinheiro aproximava o ferro em brasa da pele do pulso do rapaz.

O cheiro repentino a queimado foi terrível, como carne chamuscada. O metal quente pressionou a pele durante mais tempo do que parecia necessário. Todos os músculos de Tom se contraíram com o desejo de se curvar contra a dor, mas não o fez. Permaneceu de joelhos, respirando profundamente, tremendo como um cavalo exausto e coberto de suor depois de uma corrida.

Um rugido elevou-se entre os homens, e o marinheiro levantou o braço de Tom e pô-lo de pé, estendendo-lhe o pulso para que todos o vissem. Tom parecia atordoado e cambaleante. Violet viu um breve lampejo da pele do pulso, marcada com o contorno de um S, antes que o marinheiro a embebesse em álcool e a envolvesse numa ligadura.

Comigo vai ser assim, pensou ela. Vou ser corajosa, como o Tom.

O jovem desapareceu da sua vista, enquanto a multidão o engolia numa onda de felicitações. Violet voltou a esticar o pescoço, para tentar ver. Impedida de o fazer, deslizou pelas cordas, com a intenção de chegar a Tom através da maré de homens, mesmo sendo empurrada de um lado para o outro. Não conseguia sequer vê-lo, embora o cheiro nauseabundo da carne esturrizada ainda persistisse. Alguém lhe puxou dolorosamente o braço, empurrando-a para o lado.

— Já te disse para te afastares, rato.

O homem que lhe tinha agarrado o braço tinha o cabelo liso coberto por um lenço sujo, e a barba era uma erupção que lhe cobria as faces. Tinha a pele áspera dos marinheiros, com capilares

vermelhos que lhe formavam uma rede no rosto. Estava a agarrá-la com uma força dolorosa. O seu hálito cheirava a gin envelhecido, e Violet sentiu uma onda de repulsa. Engoliu em seco e fincou os calcanhares no chão.

— Larga-me. Tenho o direito de estar aqui!

— És um rato castanho e feio que roubou a alguém as suas melhores roupas.

— Eu não roubei nada! — exclamou, embora usasse o colete e as calças de Tom, e também a camisa e os sapatos que lhe tinham ficado pequenos. E então, envergonhada, ouviu a voz de Tom:

— O que se passa?

Tom tinha vestido uma camisa, embora dois botões do colarinho alto ainda estivessem desapertados e o folho da frente estivesse aberto. Violet viu-o claramente quando o espaço se abriu diante deles. Todos os olhos estavam postos naquela direção.

O marinheiro segurou-a pelo pescoço.

— Este miúdo está a causar problemas...

Tom ainda estava a suar, depois de ter recebido a marca.

— Não é um miúdo. É a minha irmã, Violet.

O marinheiro reagiu como toda a gente: primeiro com incredulidade, depois olhando para Tom de forma diferente, como se tivesse acabado de descobrir algo novo sobre o seu pai.

— Mas ela é...

— Estás a questionar-me, marinheiro?

Recém-marcado, Tom tinha mais autoridade do que qualquer outra pessoa no navio. Agora era de Simon, e a sua palavra era a palavra de Simon. O marinheiro fechou a boca e soltou Violet imediatamente, fazendo-a cambalear sobre a madeira. Ela e Tom entreolharam-se. As bochechas de Violet estavam quentes.

— Eu posso explicar...

Em Londres, ninguém sabia que Tom era meio-irmão de Violet. Não eram parecidos. Tom era três anos mais velho do que

ela e não partilhava da sua herança indiana. Era parecido com o pai: alto, de ombros largos e olhos azuis, pele clara e cabelo castanho-avermelhado. Violet era pequena e puxara à mãe, com pele castanha e olhos tão escuros como o cabelo. A única semelhança entre os dois eram as sardas.

— Violet, o que estás a fazer aqui? Devias estar em casa.

— Recebeste a marca — disse ela. — O pai vai ficar orgulhoso.

Tom agarrou o braço por instinto, sobre a ligadura, como se quisesse tocar na ferida mas soubesse que não podia.

— Como é que descobriste?

— Toda a gente nas docas sabe — explicou Violet. — Dizem que o Simon marca os seus melhores homens, que eles sobem na hierarquia e recebem todo o tipo de recompensas especiais, e...

Tom ignorou-a e falou com voz profunda e urgente, olhando para os homens ali perto com uma preocupação tensa.

— Disse-te para nunca vires para aqui. Tens de abandonar o navio.

Ela olhou em redor.

— Vais juntar-te à expedição dele? Ele vai pôr-te à frente de uma escavação?

— Já chega — disse Tom, e a sua expressão tornou-se inescrutável. — A minha mãe tem razão. És demasiado velha para isto, para me seguires para todo o lado, para usares as minhas roupas. Vai para casa.

A minha mãe tem razão. As palavras magoaram-na. Os expatriados ingleses não costumavam levar as filhas bastardas consigo quando regressavam a Londres. Violet sabia disso pelas discussões entre o seu pai e a mãe de Tom. Mas o irmão sempre a defendera. Mexia-lhe num dos caracóis e dizia, «Violet, vamos dar um passeio», depois levava-a a uma banca de venda ambulante para lhe comprar chá quente e um rolo de sultanas, enquanto lá dentro a mãe dele gritava com o pai: «Porque deixas

essa criança viver nesta casa? Para me humilhares, para fazeres de mim motivo de chacota?»

— Mas deste-me estas roupas — ouviu-se a si própria dizer, e as palavras soaram pequenas.

— Violet... — começou Tom.

Mais tarde, pensaria nos sinais de aviso: os homens na doca, os olhares tensos dos marinheiros, os patrulheiros armados com pistolas, até a tensão na boca de Tom.

Naquele momento, o único aviso foi a brusquidão com que o irmão levantou a cabeça.

O barco deu um solavanco repentino, fazendo Violet balançar. Ouviu uma explosão e virou-se para ver o marinheiro que tinha disparado, com o rosto pálido e a arma a tremer.

Depois, viu para onde ele tinha disparado.

Do lado de fora do navio, como um enxame, subindo por cordas e tábuas, surgiram homens e mulheres em uniformes brancos reluzentes. Os seus rostos eram nobres, como se tivessem saído de um velho livro ilustrado, e as suas feições, variadas, como se viessem de terras diferentes. Pareciam emergir da névoa e não traziam armas modernas; andavam armados como cavaleiros, com espadas.

Violet nunca tinha visto nada assim. Era como ver uma lenda ganhar vida.

— *Guardiões!* — gritou alguém, arrancando-a do seu devaneio. O caos irrompeu, a palavra desconhecida propagando-se como fogo. *Guardiões?*

O nome antiquado ecoou-lhe nos ouvidos. Tom e o capitão Maxwell reagiram como se soubessem o que significava, mas a maioria dos homens de Simon correu para pegar numa arma ou sacou da pistola e começou imediatamente a disparar contra os atacantes. O convés encheu-se de um fumo espesso e do odor sufocante a enxofre e nitrato de potássio das armas.



AS TREVAS VÃO ASCENDER.

QUEM IRÁ SUCUMBIR?

QUEM IRÁ SOBREVIVER?



DARK RISE: LIVRO 1



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](#)
[@secretsocietypt](#)
[#seekthebutterfly](#)

ISBN 9789897872235



9 789897 872235 >

